

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Artur T. Pierson

*“Eu vo-lo disse agora antes que aconteça,
para que, quando acontecer, vós acrediteis”*

João 14.29

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Artur T. Pierson

1ª edição brasileira: abril de 2019

Capa:

ISBN:

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

Publicado no Brasil, com a devida autorização e com todos os direitos reservados, por

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS — SP – BRASIL

Endereço Eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

A destruição de Jerusalém

***“Eu vo-lo disse agora antes que aconteça,
para que, quando acontecer, vós acrediteis”***

João 14.29

As predições de Cristo sobre a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus constituem a profecia que pode ser considerada como padrão de todas as outras.

Quem aceite firmemente o axioma de que as palavras que profetizaram a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus foram literal e substancialmente proferidas por Jesus, quando Se encontrava entre os homens, poderá com segurança julgar o valor real da fé cristã.

O versículo supramencionado de João e os capítulos 24 de Mateus, 13 de Marcos e 21 de Lucas demonstram e sustentam a existência de Deus, o Seu governo moral, a Sua providência geral e especial, a Divina inspiração das Escrituras Sagradas e o caráter Divino e a missão de Cristo.

É este, portanto, o campo em que devemos enfrentar as dúvidas dos descrentes. Para podermos completamente provar que a História corresponde em todos os seus pontos à profecia e que não faz mais do que obedecer a um molde profético, invocaremos os testemunhos dos adversários professos do Cristianismo, para que não se suponha que a pretensão de Cristo e dos evangelhos se apoia na parcialidade dos seus adeptos.

Antes de entrarmos no assunto, somos obrigados a inquirir se existe uma certeza racional de que as palavras proféticas foram proferidas ou escritas antes da realização dos acontecimentos. Este inquérito impõe-se como base principal de toda a investigação e pô-lo de parte representa, formalmente, o desejo de nada querer provar.

Porfírio, no século III da era Cristã fez um ataque desesperado às Escrituras Judaicas e Cristãs. Tendo encontrado no Livro de Daniel a profecia que se cumpriu nos seus mais insignificantes detalhes, primeiramente admitiu, com toda a franqueza, que em tudo tinha a História correspondido à profecia, mas depois habilmente fez da sua admissão um instrumento de ataque e argumentou que uma descrição tão exata só podia

ter sido feita depois dos acontecimentos, o que equivale a dizer que Daniel tinha desempenhado o papel de historiador mascarado de profeta.

Se Porfirio foi o primeiro a sugerir esta maneira fácil de fugir aos argumentos das profecias, não foi, porém, o último. Mais recentemente, Voltaire admitiu a maravilhosa coincidência entre as profecias da destruição de Jerusalém e o destroço da nação Judaica, mas destramente argumentou que as pretendidas profecias nunca tinham sido proferidas ou escritas senão depois da destruição de Jerusalém.

Quanto a Voltaire, qualquer objeção de uma tal origem nenhum valor ou peso poderá ter. Um homem que declarou numa carta a um amigo que “a História não é mais do que uma série de embustes que praticamos com os mortos” e que “as biografias são na maioria dos casos criações da nossa fantasia”; um homem que no momento em que lhe perguntaram onde tinha ido buscar o espantoso “feito” com que adornou uma das suas histórias, respondeu: “é uma brincadeira da minha imaginação”; um homem cuja divisa era: “esmaguem o Desgraçado” e que, apesar disso clamou por esse mesmo Cristo à hora da morte; um homem que, por ser o mais audaz blasfemador durante sessenta anos, chefiou uma seita de cépticos e escarnecedores, e morreu em tormentos e remorsos terríveis; um homem volúvel como Voltaire não pode emitir opiniões de qualquer valor ou peso.

E foi ainda esse homem que pouco tempo antes de morrer disse ao seu médico: “Doutor, cedo-lhe metade de tudo quanto possuo se me der seis meses de vida”. E ao receber a seguinte resposta do médico: “Não poderá viver nem seis semanas”, gritou desesperadamente: “Então irei para o inferno, e o doutor irá comigo”.

Um homem assim contradiz-se a si próprio e enfraquece as suas objeções. Se qualquer pessoa não sente a força do seu próprio argumento, certamente que não espera que outros lhe liguem muita importância, e é mais do que evidente que Voltaire não era um céptico sincero, mas sim um motejador, escarnecedor e zombador, que raramente se encarava a sério, inventando qualquer objeção que servisse para atingir o seu fim. No entanto, como qualquer objeção tem direito a ser considerada independentemente do seu autor, trataremos de examinar, com a possível brevidade, a data em que foi registrada a profecia sobre a destruição de Jerusalém.

Se a acusação de fraude pudesse ser, por um momento, separada da religião, e fosse observada com calma e imparcialidade, o seu inerente absurdo tornar-se-ia claro ao nosso entendimento.

Supor que essa profecia foi escrita depois do acontecimento, seria o mesmo que supor uma premeditada e gigantesca impostura impingida aos crédulos no sagrado nome da religião, composta de hipocrisia, falsificação e perjúria e, de tais proporções, que até mesmo seria uma ignomínia para um monstro como Nero. Exemplifiquemos.

Um homem que deseja conspirar liga-se com outros dois a fim de sustentarem os direitos de um mero pretendente. Preparam secretamente a descrição de um acontecimento já ocorrido e, por uma série de mentiras, tentam levar o público a aceitá-la como sendo uma verdadeira profecia!

Poderiam os homens que conceberam tal plano ter escrito parte dos evangelhos? Pela confissão dos próprios inimigos da religião de Cristo, esses evangelhos abundam em elevados ensinamentos morais e nas mais sublimes concepções de Deus e do dever. Deve haver alguma consistência entre o homem e as suas obras, e a redação dessas narrativas evangélicas, por tão estupendos mentirosos, é inconcebível.

Necessitamos de mais credulidade para acreditar nisso do que para aceitar a religião de Cristo sem provas. Portanto, deve ser abandonada a suposição de que houve impostura intencional na confecção dos evangelhos, pois essa suposição não assenta em bases sólidas.

Os judeus eram extraordinariamente ciosos do seu sagrado depósito e consideravam-no como o seu maior privilégio porque “a eles foram confiados os oráculos de Deus”. Exerciam o maior cuidado na compilação dos cânones. A inclusão de uma escritura na coletânea sagrada era julgada com o maior rigor e escrúpulo. Segundo Sir Robert Anderson K.C.B., L.L.D., o Grande Colégio ou Sinédrio que julgava os livros dignos de figurarem nos cânones era composto pelos homens mais doutos da nação. (em “The Coming Prince”).

Muitos livros são hoje considerados “apócrifos”, muito embora sejam tidos como dignos de figurar no Velho Testamento, tão puro é o seu estilo e tão elevado o seu conteúdo, e, no entanto, foram sempre rejeitados como indignos de serem classificados como inspirados. Então como foi possível que o livro de Daniel tivesse um lugar nos cânones? Certamente por os judeus acreditarem na sua inspiração Divina. Se a profecia tivesse sido escrita depois de cumprida seria imediatamente rejeitada. Se o livro foi oferecido à comunidade Judaica como inspirado e antes da realização dos acontecimentos que predizia é porque podia sustentar o seu caráter profético Divinamente autorizado.

Suponhamos um caso semelhante na nossa época. Deixemos que um malfeitor, com ideias religiosas e com aspirações a profeta, tente a mesma maneira de se impor ao público. Admitamos que ele escreva uma minuciosa e pretensa profecia da Guerra da Rebelião e procura fazer o mundo acreditar que a escreveu por inspiração Divina, um quarto de século antes da guerra acontecer.

Quanto tempo se levaria para descobrir a fraude desse embusteiro? Mil coisas contribuiriam para descobrir uma tal impostura. O seu autor seria mais facilmente julgado parvo ou patife do que canonizado. Muitos elementos se teriam de combinar para dar à conspiração um leve aspecto de verdade, pois a sua prisão seria moralmente certa. Principiar-se-ia por

perguntar: que espécie de homem será esse que se apresenta como um profeta? Será um homem sincero e de elevada moral, e poderemos nós confiar abertamente no que ele diz? Será um homem sã e no uso de todas as suas faculdades mentais? Não será ele o joguete de qualquer ilusão?

Provando-se a consistência do seu carácter moral e mental, a sua pretensa profecia seria sujeita a uma observação microscópica, a fim de se verificar se conteria características internas da palavra inspirada. E mesmo que este exame desse um resultado satisfatório, o seu autor teria de apresentar provas que satisfizessem a inteligência geral, de que se tratava de uma profecia escrita antes das acontecimentos.

Não pode ser fixado com exatidão o ano em que cada um dos quatro evangelhos foi escrito. No entanto, a mais cuidadosa e douta crítica moderna estabelece que Mateus escreveu no ano 38, Marcos em 67 a 69, Lucas em 63 e João em 95 (era de Cristo).

O Cerco de Jerusalém dirigido por Tito terminou em 8 de Setembro do ano 70. Por conseguinte, o primeiro registo desta profecia, **além da de Daniel 604 anos antes de Cristo**, já estava feito trinta anos antes do acontecimento, e os últimos registos dois e sete anos antes.

João foi o único dos quatro que escreveu depois de desenrolados os acontecimentos e também é o único que nenhuma referência faz à profecia, o que incontestavelmente prova que houve o cuidado de evitar a acusação de que o próprio acontecimento teria fornecido os elementos para a profecia.

Mas temos ainda uma prova mais convincente. Os primeiros três séculos da nossa era foram três séculos de perseguições e de controvérsias. Usaram-se todos os meios para atacar a causa de Cristo, e a espada e a caneta figuraram frequentemente nessa luta. E muito embora as profecias fossem constantemente citadas pelos primeiros escritores cristãos como sustentáculo da sua fê, só no declinar do terceiro século é que Porfirio se atreveu a duvidar da sua veracidade.

A controvérsia é o melhor elemento para peneirar dos grãos dos fatos, a praga da ficção ou fantasia. Debaixo do olhar penetrante da investigação, estimulada pela hostilidade, as próprias corrupções e perversões da verdade são descobertas. Deixamos, pois, o leitor ajuizar se uma pretendida profecia, desconhecida até ao desenrolar dos acontecimentos, ficaria por combater durante trezentos anos, quando a dúvida, por mais leve que fosse, teria fornecido aos seus primeiros adversários uma arma irresistível contra a religião de Cristo.

Isto seria o mesmo que admitir a possibilidade de um grande exército comandado por hábeis generais cercar as muralhas de uma cidade durante três séculos sem conseguir descobrir nessas muralhas os seus pontos fracos. Deus permitiu esses trezentos anos da mais ardente hostilidade, promovida por poderosos inimigos dos evangelhos, para nos mostrar que a origem do Cristianismo não é cercada de névoas de incerteza ou de ilusões.

Os seus inimigos, numerosos e poderosos, tiveram de forjar outras armas de ataque além da audaciosa acusação de fraude. Algumas das mais notáveis predições estão no presente momento ainda em vias de realização. Durante mais de 1860 anos, isto é, desde a queda de Jerusalém, que a análise severa da História se tem aplicado a esta profecia. Cristo, com a coragem inerente aos que falam com fundamento, desafiou os séculos vindouros a aniquilarem a Sua palavra profética, pois as suas predições foram muito além da ruína da régia cidade de Davi.

Mas com a passagem dos anos, os mais majestosos séculos passam e as eras, tal qual como soldados perfilados perante um soberano da terra, atestam e confessam o caráter Divino do profeta, que há já tanto tempo determinou os limites além dos quais não se pode passar. O que diremos então da prova definitiva do tempo!

Nesta profecia poderá a correlação ser atribuída a uma coincidência accidental? Para respondermos a esta dúvida muito razoável, devemos tomar em consideração a lei das probabilidades simples e compostas. Quando só uma única predição é feita, e dela apenas um aspecto se considera, podendo ou não realizar-se a sua exatidão, a probabilidade de se cumprir é de 1 (caso favorável) para 2 (casos possíveis).

Por exemplo, se dissermos que vai haver um verão de excessivo calor e como esse verão poderá ser realmente bastante quente ou então moderado, a probabilidade de se cumprir é representada pela fracção $1/2$. É esta a lei das probabilidades simples. Se introduzirmos, porém, um segundo aspecto, entramos então no domínio das probabilidades compostas.

Por exemplo, suponhamos que dizemos, sem apoio de qualquer lei científica para a nossa conjectura, que no dia 15 de Junho fará muito calor. Aqui estão duas predições: uma que haverá muito calor e a outra que se dará num determinado dia. Cada predição tem $1/2$ possibilidade de se cumprir, ou seja de $1/4$ a probabilidade composta, uma “chance” em cada quatro de que ambas as previsões sejam verificadas.

“Um acontecimento composto apresenta, portanto, só um resultado no cálculo das probabilidades”. Cada novo aspecto adicional torna a fracção de probabilidade menor.

Mas nesta profecia não existe qualquer previsão vaga e geral, mas sim uma espantosa discriminação dos menores detalhes. Nosso Senhor pinta o quadro do acontecimento futuro indicando o tempo, lugar, pessoas e circunstâncias especiais, introduzindo aspectos peculiares que não nos permitem confundir a ocorrência com qualquer outra, em virtude de sua exata semelhança com a profecia.

Encontramos vinte e cinco predições bem definidas que, em face da lei das probabilidades compostas e a eventualidade de todas elas se reunirem num único acontecimento, está na proporção de 1 contra cerca de vinte milhões: a fracção que representa a probabilidade do acontecimento

é um meio elevado ao coeficiente vinte e quatro, ou seja, uma vigésima milionésima possibilidade.

E, no entanto, todos os aspectos desta profecia se verificaram na destruição de Jerusalém e não se repetiram em qualquer outro acontecimento.

Antes de prosseguirmos com a análise desta profecia, devemos primeiramente fazer uma outra observação. As palavras de Cristo não só se referiram à destruição da cidade, como também ao fim do mundo, e tão unidos estão estes dois acontecimentos nessas Suas palavras que até mesmo os estudantes mais diligentes da Bíblia com dificuldade podem distinguir quando é que Ele deixa de falar do primeiro para se referir ao segundo.

No entanto, para estudo da presente profecia, não nos deve embaraçar este ponto.

Existe uma lei de perspectiva profética que todos aqueles que esmiuçam as profecias bem compreendem. Numa paisagem, a cordilheira de montanhas mais perto de nós pode parecer igual a outra cordilheira mais distante; apesar de haver uma vasta diferença nas suas extensões e uma enorme diferença nas suas alturas, os mesmos traços serviram para definir e descrever as duas.

O mesmo acontece com as profecias. O mesmo esboço poderá descrever igualmente um acontecimento mais próximo e outro de maior grandeza e de realização futura. As palavras podem conter um duplo sentido premeditado, referindo-se imediatamente a uma ocorrência próxima e remotamente a outra, da qual aquela é um tipo.

Podemos também chamar-lhe a lei de presságios proféticos, podendo um acontecimento de menor importância pressagiar outro mais importante, havendo entre os seus esboços a correspondência que existe entre as sombras e a substância.

Mas este é um argumento mais a favor do que contra a inspiração Divina das profecias, visto que temos uma dupla predição, com uma dupla realização. Se Aquele para quem *“um dia é como mil anos e mil anos como um dia”* falou, não nos deve surpreender que faça uso de um só esboço para definir dois acontecimentos, entre a realização dos quais haja um intervalo de mais de mil anos, pois para Ele um tal período é tão insignificante como um segundo da Eternidade.

A prova que bem demonstra a mão de Deus nesta profecia na História que a cumpre encontra-se nas próprias autoridades que registraram o seu cumprimento. Se a principal descrição da destruição de Jerusalém tivesse sido escrita de propósito para confirmar as predições de Cristo, não poderia ser mais exata. O seu escritor foi nessa época o principal literato dos judeus que, no desempenho das suas funções de general das tropas judaicas, se opôs estoicamente ao poder Romano e resistiu em Sotapata, a fortaleza da

Galileia, durante 47 dias, ao ataque de Vespasiano. Foi aprisionado no ano 67 e esteve encarcerado até que Tito sucedeu a Vespasiano no comando da Guerra Judaica. Assistiu ao cerco da cidade e, depois da sua queda, acompanhou Tito a Roma, onde ele escreveu os seus anais.

Tito mostrou-se tão satisfeito com a exatidão da História que não só a aprovou como também manifestou o desejo de que se procedesse à sua publicação. Este historiador foi Josefo.

Pode-se dizer que não se poderia escolher melhor testemunha dos acontecimentos, visto que ele era um dos homens mais eruditos do seu tempo e que, estando sempre perto do Comandante Romano, teve todas as oportunidades para observar e obter exatas informações.

Quem é que se aventurará a acusar um judeu que viveu e morreu como um dos mais honestos dos Fariseus de ser parcial pelo Nazareno crucificado ou pelas suas profecias?

Deus escolheu um inimigo da fé Cristã para nos legar uma fiel e detalhada prova histórica do cumprimento desta minuciosa profecia e de tal maneira que a inconsciente testemunha do caráter profético de Cristo é uma testemunha que não pode ser desacreditada por judeus ou pagãos.

Josefo não fez qualquer ligação entre os terríveis acontecimentos que registrou e as palavras de Jesus crucificado, pois constantemente tenta encontrar um motivo para justificar os tremendos castigos que assolaram a sua nação. Em Guerras, 754, pg. 4, 5 e 6. Josefo atribui a ruína do Templo ao fato dos judeus terem aumentado a área dos seus claustros com terrenos profanados.

Quais são as outras autoridades que podemos citar para provar que a profecia de Nosso Senhor foi cumprida com toda a exatidão?

Tácito, o historiador romano e pagão, também Gibbon, o príncipe dos cépticos e historiador inglês, que, muito embora escrevesse para provar que o sucesso do Cristianismo se podia atribuir a causas naturais e secundárias, foi obrigado, bem contra sua vontade, a mencionar fatos em que Cristo se revela um verdadeiro profeta.

Frederico, o Grande, disse, em certa ocasião, a um seu marechal que era um crente fervoroso: “Dê-me em poucas palavras uma prova de que a Bíblia é verdadeira”. A resposta foi lacônica e incontestável: “Os judeus judeus”.

Harmonizando os evangelhos numa só narrativa, encontramos vinte e cinco diferentes predições referentes à ruína da capital judaica. Para maior conveniência dos leitores vamos coordená-las por classes.

I. Predições sobre os pretendentes à reputação de Messias.

1. Apareceriam muitos. 2. Atrairiam o povo para o deserto e para lugares secretos. 3. Enganariam muitos.

Antes daquele tempo não foi registrado na História judaica um tal acontecimento. Depois da crucificação multiplicaram-se os falsos Messias, tais como Simão o Mago, o feiticeiro da Samaria; Dositeus, outro samaritano; Judas que prometeu apartar as águas do Jordão tal qual como o profeta Eliseu, e Josefo diz-nos “que tais discursos enganaram muitos”. “O país foi inundado por impostores que enganavam o povo e o persuadiam a segui-los para o deserto, onde veriam sinais, e grandes multidões foram atraídas para os claustros do Templo por falsos profetas”.

II. Predições de várias calamidades bem assinaladas.

1. Guerras. No tempo em que Jesus falou prevalecia a paz entre os judeus e as nações circunvizinhas. Mesmo quando resistiram à ordem de Calígula de se erigir a sua estátua no Templo, os judeus não podiam acreditar que a guerra estava eminente. É ainda Josefo que nos diz: “O país depressa se afundou em violências; a desordem prevaleceu em Alexandria, Cesareia, Damasco, Tiro, Ptolemaida e por toda a Síria”. Os judeus revoltaram-se contra Roma, a Itália convulsionou-se e no período de dois anos assassinaram-se quatro imperadores romanos.

2. Fome, pestes, terremotos. A fome que durou alguns anos provocou muito sofrimento em toda a Judeia, e houve fome na Itália, na Babilônia e, cinco anos antes da ruína de Jerusalém, em Roma. Foram registrados terremotos por Tácito, Suetônio, Filostrato e Josefo dá-nos conta deles em Creta, Itália, Ásia Menor e um enorme na Judeia.

3. Terríveis espetáculos e grandes sinais do céu. Josefo afirma que muito pouco tempo antes da guerra “uma estrela semelhante a uma espada e um cometa apareceram sobre a cidade durante um ano inteiro e que uma grande luz brilhava à roda do altar; que a porta maciça no oriente da cidade se abriu por si, quando só vinte homens habitualmente a conseguiam abrir; que carros de guerra e tropas foram vistos nas nuvens, ao pôr do sol; que houve um terremoto e que se ouviu uma voz sobrenatural em Pentecoste; que um homem chamado Jesus persistia em clamar: “Ai da cidade, etc.”

Tácito descreveu muitos prodígios que assinalavam a próxima ruína. Apareciam regimentos combatendo no ar; caía fogo dos ares sobre os templos; uma poderosa voz proclamava a deposição dos deuses nos templos e ouvia-se um ruído igual ao de uma hoste em retirada. Sobre a realidade e a milagrosa natureza destes sinais, espetáculos e ruídos, nada poderemos acrescentar, sendo mais que suficiente o fato de que tanto os judeus como romanos se impressionaram com eles como reais e milagrosos.

III. Sinais dentro do reino de Deus.

1. Perseguições. O próprio Paulo não perseguiu tenazmente a Igreja, antes de se converter? E Pedro e João não foram perante Concílios e foram encarcerados? E Paulo não foi levado perante reis, tendo sido, assim como Silas, chicoteado e posto no tronco, em virtude da sua fé? No entanto, que maravilhoso poder demonstraram, perante os seus adversários, Estêvão, Pedro e Paulo. Nenhum dos apóstolos morreu de uma morte natural, a não ser João.

Seis anos antes da queda de Jerusalém houve em Roma um incêndio, que durou oito dias, e Nero foi acusado de o ter provocado. Mas para desviar o ódio do povo sobre si, fez recair a culpabilidade sobre os cristãos. E então houve uma tal perseguição que é a maior vergonha da história pagã. Nero guiou a sua quadriga até aos jardins imperiais por entre fileiras de mártires cristãos envoltos em chamas.

2. Traição mútua. Tácito diz-nos que, ao princípio, aqueles que eram apanhados denunciavam os da sua doutrina e por sua indicação grandes multidões foram condenadas.

O Evangelho deveria ser pregado por toda a parte. Que árdua tarefa a cumprir, dentro do espaço de quarenta anos. Sem imprensa para publicar o Evangelho e sem meios rápidos de condução para tornar fáceis as viagens e ainda por cima a aprendizagem de línguas estrangeiras.

E, no entanto, fez-se. Pentecostes com a sua reunião de representantes de todas as nações que ouviram as grandes novas para as anunciar nos seus países; com o seu milagroso dom das línguas que habilitou os primeiros pregadores a pregarem em línguas estranhas; a perseguição que dispersou todos os crentes, para assim poderem trabalhar em todas as direções e fazer discípulos.

Pedro seguiu para o oriente, onde se encontravam dispersas as tribos judaicas, e Paulo para o ocidente como pregador às nações gentias — mais uma vez corresponderam às palavras de Nosso Senhor.

Antes da queda da cidade, o Evangelho já havia sido pregado na Ásia Menor, Grécia e Itália, ao Norte da Sicília, ao Sul da Etiópia, a Leste da Pártia e Índia, ao Oeste da Espanha e Bretanha. Tácito informa-nos que, na época da perseguição de Nero, a religião Cristã se tinha expandido por toda a Judeia e mesmo pelo Império Romano e contava tantos adeptos que multidões foram capturadas e condenadas ao martírio.

IV. Sinais referentes à própria cidade.

1. Que Jerusalém seria cercada de exércitos.
2. Que as águias se ajuntariam como se estivessem à roda de um cadáver.

Quando o exército romano se aproximou e cercou a cidade, todos os estandartes e bandeiras eram encimados por águias prateadas. E as águias, como símbolo romano, estão de tal maneira ligadas à História que são tão conhecidas como a própria Roma. A águia salienta-se por ser “forte, veloz e feroz”. Quão parecidas eram as hostes romanas que caíram como aves de rapina sobre a sua presa, distinguindo-se pela sua força, velocidade e feroz crueldade.

3. A destruição viria como o *“relâmpago que brilha de leste para o oeste”*.

Seria de esperar que o avanço das tropas sobre Jerusalém se daria da costa marítima e que, por conseguinte, esse avanço seria na direcção oeste para leste. Mas não aconteceu assim, pois o avanço deu-se de Olivete, a leste, em direcção a oeste.

4. *“A abominação da desolação nos lugares santos”* foi um sinal bem apropriado.

A explicação exata desta predição não é fácil de estabelecer, pois estas palavras podem ter mais do que um possível cumprimento; no entanto o fato de um exército os cercar com estandartes de águias idólatras, ocupando os terrenos sagrados, pairando sobre o próprio santuário como aves de rapina, pode ser uma explicação.

Outra explicação pode residir no fato de que os judeus consideravam todos os ídolos como uma abominação e tanto assim que solicitaram a um general, quando conduzia o seu exército sobre a Arábia, com passagem pela Judeia, que tomasse outro caminho, para evitar que pela simples passagem de uma hoste pagã, com emblemas pagãos, se profanasse a terra.

Outros afirmam que estas palavras se referiam ao exército de assassinos e fanáticos que os judeus convidaram para os defenderem dos romanos e que literalmente ocuparam os claustros do Templo e os profanaram; ou ainda, pensam muitos, que a “abominação” poderia ter referência a qualquer edital do Imperador colocado no lugar sagrado por Pilatos, ou um edital de Tito colocado ali por Adriano.

5. Uma trincheira e uma muralha seriam construídas em redor da cidade.

Nada seria menos provável e necessário do que isto, pois em todos os cercos sustentados anteriormente por Jerusalém nunca este facto se tinha dado.

A situação da cidade e as características físicas do país tornavam tal construção um inútil dispêndio de tempo e energias. Os vales que circundavam a cidade eram trincheiras naturais, assim como os montes, uma muralha natural. Não obstante, Tito, contra o conselho do seu Estado Maior, mandou construir uma muralha e uma trincheira à roda da cidade condenada, com cinco milhas de circunferência e o historiador judeu descreve com exatidão as dimensões desse circuito.

6. Uma grande tribulação assinalaria o cerco.

Ouçamos Josefo: “Nenhuma outra cidade jamais sofreu tais misérias, nem jamais existiu uma geração, desde o princípio do mundo, tão pródiga em perversidades. Os sofrimentos dos homens desde o princípio do mundo, comparados com os dos judeus, não seriam tão consideráveis. As multidões que pereceram deviam ter excedido todas as destruições provocadas pelo homem ou por Deus, desde o princípio da humanidade”.

Este acontecimento deu-se na Páscoa, época em que a população do país se amontoava na cidade sagrada. Calcula-se em três milhões o número dos que ali se encontravam. A fome foi tão grande que levou os homens a comer as correias dos seus sapatos, os cintos de couro e também a devorar palha.

Uma mãe trouxe aos assassinos tresloucados, e que estavam prontos a cometer as maiores violências para obter comida, o corpo meio devorado de uma criança, pedindo-lhes para repartirem com ela o cordeiro que tinha preparado. Tito ao ver os mortos atirados às centenas e aos milhares das muralhas para os vales, levantava as mãos ao Céu, como protesto perante Deus de que o que via não era da sua responsabilidade. Josefo calcula que pereceram 130.000 e que 97.000 foram vendidos como escravos.

7. A atual destruição da cidade. Seria arrasada ao nível do chão.

Josefo informa-nos que três muralhas maciças de grande fortaleza circundavam a cidade e que a guarnição era dez vezes superior em número, aos sitiados.

Como admitir que tais muralhas seriam arrasadas ao nível do chão? E, no entanto, foram dadas ordens para se “arrasarem os próprios alicerces” e nada mais ficou do que três torres e suficiente muralha para alojar a guarnição romana, pequena amostra das resistentes fortificações que o poder romano tinha destruído.

Tito disse: “Com certeza que tivemos Deus a ajudar-nos nesta guerra. Foi Ele que expulsou os judeus das suas fortificações, pois, caso contrário, o que é que os homens ou máquinas de guerra poderiam ter feito para abater fortificações como estas?”.

A esperança de encontrar tesouros levou o exército romano a remexer o solo. Até os esgotos e aquedutos ficaram a descoberto e com uma relha de arado se arrancaram os alicerces do templo, cumprindo-se assim literalmente a profecia de Miqueias (750 anos antes de Cristo): “*Jerusalém se tornará em montões de pedras*”.

O Templo também seria incluído nesta destruição.

A profecia da sua demolição é o primeiro elo na corrente das predições. Depois de Nosso Senhor ter feito no Templo a Sua lamentação sobre o povo que não queria recolher-se debaixo das Suas asas, disse: “*Eis que a vossa casa vos ficará deserta*” (Lucas 13.35) e imediatamente saiu do santuário.

Na saída os Seus discípulos, impressionados com a singular profecia que antevia o Templo despovoado, chamaram a Sua atenção para o mesmo que “*estava ornado de belas pedras*” (Lucas 21.5). Mas Ele respondeu-lhes mais significativamente: “Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada” (Lucas 21.6).

Esta profecia era pouco susceptível de se cumprir em virtude de:

a) As muralhas cercavam uma área de dezenove hectares e a frente oriental elevava-se a uma altura de um sexto de milha sobre o vale, e pedras enormes (algumas mediam 19 metros por 2,5 por 3 metros) contribuíam para as tornar de uma construção maciça.

b) Era belo e sagrado esse monumento de arte e de culto. Elevava-se à semelhança de um monte de ouro e de neve. As suas portas em obra de talha, os pórticos de alabastro e o santuário de ouro, arrancavam os mais arrebatados elogios até mesmo aos pagãos. Se os vândalos e os sarracenos, no saque de Atenas e de Roma, pouparam o Partenon e o Panteon, o que se não deveria esperar dos soldados do primeiro e maior dos Impérios? Não poupariam eles uma construção de que o provérbio disse: “Não o ter visto, é o mesmo que nunca ter visto o que é belo?”

c) Foi construído por Herodes, uma criatura de poder e de proteção romana, que era mais leal para a nação conquistadora do que para aqueles, a quem estava ligado pelo sangue, pois descendia de Isaque. O seu espírito romano, obsequioso e diferencial, levava-o a construir cidades para perpetuar o nome de César, e tentou fazer de Jerusalém uma segunda Roma. Destruir o templo era o mesmo que arruinar uma das obras primas romanas.

d) Tito era um general moderado, humano e culto, que não tolerava qualquer destruição desenfreada. Proibiu a destruição do templo, contudo a soldadesca incendiou-o.

V. As predições de Cristo têm uma promessa.

Elas asseguravam a segurança dos Seus discípulos: “*Não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça*” (Lucas 21.18).

É um fato bem extraordinário que nessa tremenda matança não tivesse perecido nem um só dos discípulos; mas é ainda mais extraordinário que só depois de o exército cercar a cidade eles tivessem a oportunidade de abandonar Jerusalém. Bastante estranho foi o sinal que lhes indicou o caminho da salvação, quando já as hostes romanas não permitiam a saída de ninguém. Todavia, foi essa a maneira de que Cristo se serviu para lembrar aos seus fiéis seguidores que a desolação estava eminente. Concedeu-lhes uma oportunidade para fugir se o fizessem com pressa, mas essa oportunidade era bem curta.

Sobre este ponto ouçamos o historiador judeu: “Cestius Gallus, depois de iniciado o cerco, retirou-se misteriosamente sem haver qualquer razão para esse procedimento, e muitos aproveitaram esta oportunidade para escapar da cidade, e assim uma grande multidão encontrou refúgio nas montanhas”. Nesta altura da crise, conforme lemos nos historiadores da Igreja do primeiro século, todos os seguidores de Cristo encontraram refúgio nas montanhas de Pella, além do Jordão, e não há notícias de que um só cristão tivesse perecido no cerco. Assim que os exércitos voltaram, a cidade foi novamente cercada como por uma muralha, e toda a esperança de fugir, que se nutrisse, era baldada.

VI. Profecias referentes à História posterior.

1.O destino dos judeus. Deveriam cair ao fio da espada e seriam levados cativos para todas as nações.

Mesmo antes da queda da cidade um grande número de desertores foram capturados pelos sitiantes e vendidos com suas mulheres e filhos. Quase 100.000 só de Jerusalém e 30.000 da Tariqueia foram vendidos e 6.000 jovens da mesma localidade enviados a Nero. Outros serviram nas obras públicas do Egito e muitos outros distribuídos pelas províncias do Império para serem mortos pelos gladiadores ou animais ferozes.

E de então para cá, a espada ainda não foi embainhada nem ainda se quebraram as correntes do cativeiro israelita.

2. O destino da cidade: *“Até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”* (Lucas 21.24). Temos aqui três detalhes: desolação provocada pelos gentios e que continuaria até que o mundo gentio conhecesse o Evangelho e o povo judaico esteja arrependido.

Até hoje a cidade tem sido pisada pelos gentios e, muito embora os judeus empregassem sempre esforços desesperados para retomar o governo da sua antiga capital, até esta data ainda não o conseguiram. Cerca de 64 anos depois da sua expulsão por Tito, a cidade foi parcialmente reconstruída pelo Imperador Adriano, tendo-se instalado ali uma colônia romana. Os judeus foram proibidos, sob pena de morte, de entrar na cidade e até mesmo de vê-la a distância.

A suspeita de que o lugar santo ia ser profanado por imagens e ídolos, levou-os à revolta, mas foram esmagados por uma tremenda carnificina. No tempo de Constantino, fizeram outra tentativa para se apoderar da cidade, mas sem resultado. Por fim tiveram a certeza de alcançar o seu fim, pois obtiveram licença de Roma para a reconstrução. Julião, o apóstata, com o propósito de destruir a fé nesta profecia, apoiou o zelo judaico com as armas romanas, riqueza, poder e comprometeu-se a restaurar o templo, o rito e a fundar em volta do Templo uma colônia de judeus.

Para mostrarmos a maneira extraordinária como este projeto foi frustrado, vamos citar Gibbon: “A vaidade e a ambição de Julião levou-o a aspirar à restauração da antiga glória do Templo de Jerusalém. E como os cristãos estavam firmemente persuadidos de que uma sentença de perpétua destruição tinha sido proferida contra o Templo majestoso da lei Mosaica, o sofista imperial converteria o sucesso do seu empreendimento num especial argumento contra a fé nas profecias e nas verdades das suas revelações. Por isso, resolveu erigir, sem demora e na dominadora eminência do Monte Moriá, um majestoso templo para eclipsar o esplendor da Igreja da Ressurreição no Monte Calvário adjacente, estabelecer depois uma ordem de padres e convidar uma numerosa colônia de judeus para ali residirem. Acorreram à chamada, do seu grande libertador, todos os judeus das províncias do Império. Reuniram-se na sagrada montanha dos seus antepassados, mas o seu insolente triunfo alarmou e exasperou os habitantes cristãos de Jerusalém. A reconstrução do Templo tem sido em todas as épocas a ambição dominante do povo de Israel. Nesta ocasião propícia os homens esqueceram a sua avareza e as mulheres, a sua fraqueza. Os ricos na sua vaidade ofereciam pás e picaretas de prata e o entulho transportava-se em colchas de seda e de púrpura. Todas as algibeiras se abriram em contribuições liberais, e todos os braços reclamavam uma participação nesse pio trabalho, sendo as ordens do grande monarca executadas com todo o entusiasmo por um povo inteiro”.

Os cristãos, porém, possuíam uma natural e pia esperança de que nesta luta a honra da religião seria mantida por algum milagre. “Um terremoto, um furacão e uma erupção de fogo destruíram os novos alicerces do Templo, como atestam testemunhas contemporâneas que nos merecem todo o respeito. Estes públicos acontecimentos foram descritos por Ambrósio, Bispo de Milão, numa epístola ao Imperador Teodósio; pelo eloquente Crisóstomo como apelo à memória dos anciãos da congregação de Antioquia e por Gregório Nazianzeno, que publicou a narrativa do milagre antes de terminar o próprio ano em que se deu. Nazianzeno declara com toda a coragem que os descrentes aceitaram o acontecimento sobrenatural e tal afirmação, por muito singular que seja, foi confirmada pelo irrecusável testemunho de Ammianus Marcellinus”.

Este soldado filósofo afirma que “enquanto Alípio incitava os judeus ao trabalho com vigor e diligência, bolas horríveis de fogo, arrebatando perto dos alicerces e explodindo constantemente, tornavam o local de tempos a tempos inacessível aos trabalhadores queimados e fulminados pela fúria dos elementos que continuaram desta maneira obstinada a manter os trabalhadores à distância, até que a empresa foi abandonada”.

Gibbon comenta este testemunho da forma seguinte: “Uma tal autoridade deve satisfazer os crentes e espantar os incrédulos”.

Numa das suas notas, Gibbon tenta explicar o acontecimento, atribuindo as explosões a uma longa permanência de ar inflamável debaixo das ruínas do templo e que os archotes acesos dos trabalhadores provocaram.

Prova-se exuberantemente que Jerusalém tem sido pisada pelos gentios. Sem falarmos da destruição e das hostes pagãs que a calcaram com o calcanhar de ferro, durante sessenta e quatro anos foi ocupada unicamente por uma guarnição romana.

Adrião, quando a mandou reconstruir e a denominou de Elia Capitolina — nome composto do seu nome de família Elius, e Capitolina, título dado a Júpiter Capitolino, devido ao seu templo no Monte Capitolino — teve o único intuito de a profanar. Consagrou a nova cidade a Júpiter Capitolino e construiu um templo a esse deus pagão sobre o sepulcro de Cristo. Erigiu no Calvário uma estátua a Venus e colocou sobre o portão, que se abria para o lado de Belém, a imagem de um porco de mármore, que é a abominação peculiar dos judeus.

O lugar sagrado ficou, assim, mais do que desolado e apenas conhecido pelo seu nome pagão, até que Helena, mãe de Constantino, ali foi em peregrinação no ano 326. No século VI, Justiniano restaurou e enriqueceu as igrejas, fundou conventos e construiu uma igreja no Monte Moriá, em honra da Virgem. Muito embora todas estas obras fossem de grande mérito aos olhos de Roma, representavam uma abominação para os judeus, pois a cidade ainda continuava pisada pelos gentios.

No ano 610 foi sitiada e muito danificada pelos persas, que a ocuparam por pouco tempo.

No ano 637, os sarracenos comandados pelo Califa Omar, tomaram posse da cidade e, por mais de quatro séculos, os árabes, turcos ou egípcios maometanos continuaram a pisar a cidade condenada.

Em 1073, os turcos selzookian conquistaram-na e a sua crueldade para os cristãos provocou a Primeira Cruzada e em 15 de Julho de 1099, os cruzados, ao tomarem-na por assalto, fizeram dela a sede de um reino cristão, só permitindo ali a entrada de cristãos. Em 1187 foi conquistada pelo sultão Saladino do Egito, um joguete nas mãos dos cristãos e dos turcos, até que em 1244 ficou debaixo da influência muçulmana. E o fato de uma mesquita coroada com o quarto crescente, se elevar no local onde outrora se encontrava o Templo, é suficiente para demonstrar que até mesmo o Monte Moriá foi profanado pelos pés dos gentios.

Apelamos para todos os descrentes sinceros, se a permanente desolação de Jerusalém não é uma das maravilhas históricas, quase que íamos dizendo milagre.

Considerem a extraordinária perseverança dos judeus, que muito embora fossem espalhados por todo o mundo, ainda mantêm as suas

características nacionais e a união como um povo, que vive sem se misturar com outros povos.

Considerem a sua tenacidade religiosa e o zelo pela sua antiga cidade e templo demolido.

Considerem o seu elevado número e vasta riqueza, pois só uma família possui dinheiro suficiente para comprar toda a Judeia e considerem que o único pensamento e o único desejo que os domina é restabelecerem-se na cidade de Davi.

Poderá qualquer filosofia humana explicar por que é que esta desolação se verifica há mais de dezoito séculos?!

VII. A predição de Jesus.

Ela designou o princípio deste grande drama dentro dos limites da geração que então existia: “*Os dias da nossa vida sobem a setenta anos*” (Salmo 90.10) e setenta anos depois do nascimento de Jesus foi Jerusalém destruída ou, se tomarmos a média de trinta e cinco anos como o período da vida de uma geração, foi pouco mais ou menos o tempo que decorreu entre a predição de Nosso Senhor e o começo da sua terrível consumação.

VIII. Seriam dias de vingança.

Jesus disse que esses dias seriam de vingança (Lucas 11.22), isto é, retribuição e castigos justiceiros.

Tudo devia ser claramente manifestado como um juízo de Deus sobre o pecado da rejeição e crucificação de Jesus Cristo. Um atento estudante da História não pode deixar de ver nela a mão de Deus. Por vezes encontram-se tão extraordinárias e frisantes correspondências entre o pecado e o seu castigo que os homens são constrangidos a exclamar como os antigos nigromantes de Faraó: “*Isto é o dedo de Deus*”. Se a destruição de Jerusalém não é uma calamidade usual, mas uma interposição de Deus, como justa retribuição do crime praticado pelos judeus de crucificarem o Seu Filho, devem salientar-se certos aspectos especiais que claramente exibam esse caráter distintivo de retribuição. Quais são?

Os judeus mataram a Jesus na época da Páscoa e foi justamente durante o tempo dessa festa anual que milhares deles foram mortos.

Reclamaram a liberdade de um ladrão e assassino para que Jesus fosse morto e, por seu turno, foram vítimas, durante o cerco, de ladrões e assassinos.

Crucificaram Nosso Senhor fora das muralhas e fora das muralhas foram crucificados em tão grande número que faltou o espaço para as cruzes e cruzes para os corpos.

Escarneceram e apuparam o seu Messias, mesmo quando Ele estava indefeso perante o tribunal e na agonia pregado na Cruz e, por isso, foram

crucificados em todas as posições possíveis e imaginárias como se “fosse um gracejo”.

Consideraram Cristo, o Imaculado, como um malfeitor e os seus cadáveres foram atirados por cima das muralhas, como corpos desprezados de criminosos, a quem se recusa um enterro honrado.

Para incriminarem Cristo apresentaram falsas testemunhas que perverteram a profecia em que Jesus revelou a Sua própria morte e ressurreição, num vaticínio da destruição do Templo e esse testemunho perjuro foi inconscientemente provado como profético pelo Sinédrio.

Do Monte das Oliveiras Jesus proferiu a triste predição e desse Monte é que se iniciou o avanço das “águias” sobre a carcassa.

Pilatos sentou-se no átrio do palácio de António para condenar Jesus à morte e desse ponto é que se fez o último e vitorioso assalto ao Templo e à cidade.

Os judeus intimidaram Pilatos com a sua pretendida lealdade a César, a quem eles se submetiam como seu único Rei e, no entanto, foi esse mesmo Império que os destruiu.

Rejeitaram o verdadeiro Messias e as Suas grandes obras e palavras, mas prestaram-se a ser ludibriados por falsos Messias e falsos profetas.

Quando Pilatos declarou a inocência de Cristo e tentou libertá-lo, eles assumiram toda a responsabilidade, dizendo “*caia sobre nós o Seu sangue e sobre os nossos filhos*” (Mateus 27.25) e aquela mesma geração deu o seu sangue pelo dEle. Nunca houve uma imprecação mais profética do que esta.

Um indivíduo pode ter a sua retribuição depois desta vida, porque ele vive além desta vida. Uma nação, porém, é um estado temporal e os seus pecados devem ser punidos neste mundo. “As instituições são mortais; os homens são imortais; o julgamento temporal histórico é feito sobre instituições e organismos; o julgamento final é para os indivíduos, cada um dando contas de si a Deus”.

Qualquer pensador imparcial que medite sobre o crime dos judeus e sobre as calamidades que os perseguiram — exatamente como estava profetizado — não poderá deixar de ver nessa maravilhosa relação recíproca, uma nítida manifestação do castigo de Deus e justa retribuição pelo pecado cometido.

Esta maravilhosa profecia, testemunha que os evangelhos são de inspiração Divina, assim como atestam o Divino caráter de Cristo, que sábiamente declarou: “*Eu vo-lo disse agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis*” (João 14.29).

Jesus reivindicou os títulos de Filho de Deus e de Messias e, para que se pudessem verificar esses títulos, proferiu uma profecia tão minuciosa que nenhuma coincidência accidental a explicaria. Como poderemos, portanto, furtar-nos a sermos convencidos?

Imitando o procedimento de Porfírio para com o Livro de Daniel, poderemos negar o caráter profético de Cristo, alegando que tanto a profecia quanto a História foram as máscaras que encobriram a mais hedionda e diabólica conspiração jamais concebida para armar à credulidade dos homens.

Poderemos ainda dizer com desprezo: “A profecia só foi escrita depois da ruína de Jerusalém”. Mas quando os homens se servem de um argumento como este para combater uma tal conclusão de fatos e verdades é porque sentem que a sua causa está perdida. Procedendo assim, violam todas as leis da crítica histórica e das provas, única e simplesmente para se não convencerem. Nenhum outro motivo os impele a negarem as inúmeras provas, assim como o testemunho histórico, senão o desejo de se oporem à religião de Cristo.

Sem máscara o seu argumento poderia traduzir-se nas seguintes palavras: “Se esta profecia foi revelada antes do acontecimento, então Jesus Cristo devia ter sido um verdadeiro profeta. Mas, como não estamos dispostos a aceitá-lo como tal, então, a profecia só foi escrita depois da queda de Jerusalém”.

O uso deste método de argumentação pode destruir toda a História, todos os testemunhos e transformar a certeza em dúvida, pois que os fatos do passado podem atribuir-se a fantasias de sonhadores ou a ficções de mentirosos. Somos, assim, convidados a fugir à credulidade da fé para cairmos na ratoeira da credulidade duvidosa e da negação.

Isto é para que deixemos de acreditar no Cristianismo e nos homens que escreveram os mais puros livros até aqui conhecidos, onde abundam os mais sublimes ensinamentos morais, e que preferiram a morte a renunciar à sua fé; temos de aceitar que os apóstolos mentiram para que o mundo acreditasse na suposta crucificação e morte de um traidor que, em vida, habilmente preparou profecias de acontecimentos já realizados, só para conseguir o direito a honras divinas!

Quando perguntaram a Mefistófeles, no Fausto, como se chamava, ele respondeu: “O espírito de negação” ou recusa! Não há nada mais fácil do que negar aquilo que não podemos refutar. Exemplifiquemos. Suponhamos que um astrônomo nos anuncia hoje que, por meio de um instrumento mais poderoso do que o telescópio, conseguiu descobrir que a Lua é habitada. Recusamos acreditar e alegamos que isso é completamente impossível porque a Lua não tem atmosfera,... Garantem-nos que esse fato é atestado pelos professores João ou Pedro. Nós respondemos: “Não acreditamos”. Provam-nos que esses professores o atestaram. Novamente respondemos que “o astrônomo que fez essa declaração não é uma autoridade competente”. Dão-nos provas de que ele é competentíssimo. Objetamos com o argumento de que “não acreditamos na sua honestidade e que o seu propósito é iludir o mundo científico com essa mistificação”.

São-nos fornecidas provas de que ele seria incapaz de cometer um tal logro. Continuamos a duvidar e respondemos que “ele certamente não está no uso das suas faculdades mentais”. Provam-nos o contrário. Continuamos ainda a duvidar e a dizer que “o seu novo instrumento o ilude”.

Quanto tempo seria preciso para que a verdade vencesse um tal espírito de negação? E, contudo, os homens afetam surpresa quando os crentes não seguem as várias teorias que tentam comprometer e negam as verdades da Bíblia. E não admira, pois convidam-nos a acreditar na monstruosa suposição de que uma pessoa que escreveu um livro como o de “Daniel” ou os outros “evangelhos” era um hipócrita perjuro que tentou fabricar uma fraude, ao lado da qual o Livro dos Mórmons é muito insignificante (seita religiosa, seguidores de Joseph Smith, que pretendeu ter encontrado uma revelação suplementar ao Novo Testamento, o Livro dos Mórmons. A sua principal doutrina era a poligamia, que agora não mantém mais).

Este método de negarmos tudo por atacado é uma das armas que melhor se adaptam ao cepticismo moderno. Não há nada mais fácil do que desacreditar um fato ou uma verdade, de confundir a negação com a refutação e de substituir com chacotas ou sofismas, que não se podem contestar, os argumentos a que se pode responder. Apresenta-se uma profecia que, passo a passo, foi cumprida. Os cépticos negam o seu cumprimento.

Se lhes provamos a correlação entre as predições e os acontecimentos, negam a profecia e acrescentam que só foi escrita depois de realizado o acontecimento. Apresentamos testemunhos que provam que a profecia precedeu o acontecimento, negam imediatamente a verdade ou a competência dessas testemunhas ou, então, seguem o exemplo de Hume e de Strauss, pontificando que os milagres de sabedoria ou poder são impossíveis, e que, portanto, nenhum testemunho pode estabelecer o que é impossível!

Todo o argumento que se empregue contra tais adversários é inútil. Bacon disse: “Não posso argumentar com qualquer pessoa, a não ser que de início estejamos de acordo sobre os principais princípios”.

Prometemos ao leitor tratar deste tema com toda a calma, com aquela calma científica que caracteriza o cirurgião ao servir-se da lanceta e do bisturi na sala das dissecações. Esse cirurgião, porém, deve ser desculpado se a sua cabeça escalear e a sua mão tremer, ao pôr a descoberto os órgãos vitais do seu filho para o operar e muito especialmente tratando-se de um filho vivo, que a sua afiada lâmina tem de tocar.

Não podemos discutir o Evangelho de Cristo sem um profundo sentimento. Tudo o que temos ou esperamos neste mundo e no outro se resume nEle e todo aquele que toca, com irreverência, nesta nossa fê

sagrada, fere-nos no âmago e todo aquele que a insulta e a assalta retalha-nos o coração.

É para nós ainda um mistério a razão que impele os homens, seja qual for o seu credo, a sentirem prazer em demolir a fé dos outros, e até mesmo a blasfemar desumanamente contra o Nome que, para eles, está acima de todo o nome. É uma característica da corrente de incredulidade considerar os Seus discípulos criaturas malignas.

Se tivéssemos de falar a um auditório de muçulmanos, que vantagem teríamos em os chocar, fazendo alusões insultuosas ou blasfemas contra o Alcorão e o profeta? Melhor seria conduzi-los com toda a calma ao Livro Sagrado e à Pessoa mais nobre. Se nos tornamos pálidos e sentimos arrepios quando qualquer pessoa rasga em pedaços as Sagradas Escrituras, cospe na face de Deus e curva-se em homenagem sarcástica defronte de Aquele que foi crucificado; se nos tornamos pálidos e sentimos arrepios, como estávamos dizendo, não é sinal de que a nossa fé seja fraca e intolerante. O crente não pode ser indiferente a qualquer coisa que se relacione com Jesus de Nazaré.

Acabamos de indicar a árvore das profecias, com os seus inúmeros e maravilhosos ramos e rebentos floridos em acontecimentos históricos. Bem podemos tirar os sapatos dos pés; o terreno que pisamos é sagrado; a glória que vislumbramos é a glória de Deus.

Se o leitor ainda não vê essa Luz radiante, examine a sua consciência e verifique se possui, sinceramente, a ânsia de vê-la.

.oOo.

Artur T.Pierson